



REVISTA DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVALI

# ONTEXTO

ANO 1  
NÚMERO 2  
DEZ/2018



## A ARTE MORA AQUI

*Dos acordes da música às expressões do teatro. Do artesanato que se inspira no mar, aos malabares que encantam as ruas. A cultura local exhibe suas marcas e faz da Foz do Rio Itajaí um palco para seus artistas.*





## {editorial}

Valorizar. É preciso valorizar, lembrando que nem sempre o que tem preço, tem valor. Valorizar é mais que isso. E o verbo vale para dois olhares nesse momento em que a segunda edição da revista Contexto, publicação produzida a partir da disciplina de Jornalismo de Revista, do curso de Jornalismo da Univali, chega às mãos dos leitores.

Valorizamos, nesta edição, a cultura regional, em suas mais variadas expressões. A Foz do Rio Itajaí, e o Vale do Itajaí em si, tem uma riqueza de expressões artísticas que se exibe na multiplicidade. Conseguimos observar as tradições mais simples que trilharam a história da região, mas também sabemos perceber as novas configurações e suas demandas por espaços e público. Vamos da canção que ressalta o sotaque e as palavras "peixeiras" até o palco que resgata o dialeto trentino com humor. Percebemos a marca que a música tem como grande arte de Itajaí e lemos, inclusive, a história de quem desembarcou aqui para estudar essa arte. Valorizamos a memória nos espaços históricos e lançamos olhar crítico e descritivo sobre a trajetória e as dificuldades em fazer nascer um espetáculo teatral.

Além das temáticas da edição, as páginas que ganharam vida também ajudam a valorizar outro aspecto. Valorizamos a crença nos projetos que insistem em acontecer. Valoriza-se, nessa edição, o aprendizado que não fica engavetado, mas que, através do coletivo, circula e compartilha o conhecimento. A segunda edição da revista Contexto só está em suas mãos porque uma dezena de pessoas apoiou o projeto através de uma campanha de financiamento coletivo. Mais do que o valor financeiro, temos o valor do apoio, da união, que, mesmo de pouquinho em pouquinho, dá resultado.

Vinicius Batista

*Professor do curso de Jornalismo da Univali*

## índice

- { **Maré Criativa**  
página 4
- { **Os Não Artistas**  
página 6
- { **Além das Fronteiras**  
página 8
- { **Memória Guardada**  
página 10
- { **Há Espaços?**  
página 14
- { **Itajaí É Som**  
página 16
- { **Árduo Caminho Até o Palco**  
página 20
- { **A Língua Vive**  
página 24
- { **O Amante do Recorta e Cola**  
página 28



UNIVALI

**Colaboradores:** Allan Franzoi Junior; Bianca de Geus Goulart; Carolina de Sá Copello; Carolina Schuch; Eugenio Elvis dos Santos; Guilherme Melim; Jeniffer da Silva Prado; Joao Pedro do Carmo Castellano; Juniety Monica Hugen; Kevin Pires Tavares; Lorena Polli; Maicon Cristiano Rech; Maiume Elisabete Ignacio; Maria Eduarda Lopes Sebold; Michel Christian Borba; Victor Marques Loja; Zury Saday Fernandes Lima de Moura  
**Professor responsável:** Prof. MSc. Vinicius Batista

A edição número 2 da **Contexto**, a revista do curso de Jornalismo da Univali, é resultado do trabalho coletivo. Coletivo em vários sentidos. Não apenas por ser recheada de um conteúdo produzido pela união de criatividade, experiências e aprendizado dos alunos que produziram as reportagens das páginas a seguir. Coletivo também porque, para dar vida, tinta e papel para a revista, contamos com a colaboração de diversos "fiadores" desse projeto através de uma campanha de financiamento coletivo. A todos que ajudaram, nosso MUITO OBRIGADO!

ACIR ALFREDO HACK

ALEXANDER RODRIGUÊS  
FRANÇA MACHADO

ALLAN FRANZOI

ANA CAROLINA  
CRUZ LIMA

ANDRÉ PINHEIRO

ANY COSTA

CARLOS ROBERTO  
PRAXEDES

CAROLINA SCHUCH

CAROLINE DE BORBA

CRISTIANE RIFFEL

DALCRED EMPRÉSTIMOS  
CONSIGNADOS

DAMARIS  
STRASSBURGER

EMPÓRIO CABEÇUDAS

EUGENIO DOS SANTOS

GABRIEL FIDELIS

GABRIELA AZEVEDO

GIOVANA LIZ

GUILHERME MELIM

GUSTAVO ZONTA

JAMES DADAM

JOSÉ ISAÍAS VENERA

OBRIGADO

JULIA VIEIRA FERREIRA

JULIANE FERREIRA

KAROL BRAGA

KASSIA SALLES

LAURA TESTONI

LÉO, RÚBIA E ALICE

LEONARDO HENRIQUE  
MARTINS

LUAN LUCAS DOS  
SANTOS LOPES

LYANDRA MACHADO  
BATISTA

MARCELA ENGEL

MARYANA SCHMIDT

MATHEUS PETTER

MICHEL BORBA

NANE PEREIRA

PAULO ROBERTO  
RIBEIRO

RACHEL SCHNEIDER

RODRIGO PASCHOAL  
DALRI

SHEILA DA CUNHA  
GASTARDI

THAYNA LENTZ

THIAGO CASSANIGA  
FURTADO

VERA LÚCIA SOMMER

VINICIUS BATISTA

DIVA'S LOCAÇÃO  
DE TRAJES SOCIAIS

{artesanato}

# MARÉ CRIATIVA

*Artesã faz das caminhadas pela praia uma busca por materiais que, com o cuidado manual e o talento, se transformam em objetos que adicionam uma renda extra ao fim do mês*

// Texto *Allan Franzoi Junior*  
*Jeniffer Prado*

Para fazer uma concha marinha virar brinco, areia branca fininha se transforma em moldura de porta retratos e escama de peixe enfeite de bolsa, tem que ter criatividade. O mar é um mundo paralelo, um universo à parte, com inúmeras espécies catalogadas e diversas outras possivelmente desconhecidas. Onde as ondas vêm e vão, nesse movimento surgem criações de mentes engenhosas e mãos habilidosas. O artesão tem o dom de ver arte em uma pequena estrela do mar, expulsa do oceano com a força das ondas, e acrescentar nova vida e beleza a essa estrela caída.

Assim como uma onda, Ivete Martins encontrou o litoral. Dividida entre Dourado, no Mato Grosso do Sul, e Itapema, Santa Catarina, ela se aventurava entre os mais de 1000 km para rever a sua paixão azul outra vez. O vai e vem entre as cidades durante as férias davam apenas um gostinho salgado do que era morar aqui. Ivete, assim como as conchas que viajam junto com as ondas, uma hora iria a Itapema. As semanas de férias junto ao Atlântico não eram o suficiente para esse relacionamento à distância. Isso a obrigou a escolher Itapema como sua nova cidade. Porém, abandonar as origens é impossível e parte do Mato Grosso veio com ela. No batente da janela a cuia e bomba de tereré revelam suas influências, de um lugar onde a erva mate é servida com água gelada. Um contraste com o chimarrão quente, gaúcho, apreciado no estado vizinho.

Na nova cidade encontrou seu atual marido e outras matérias-primas para suas pequenas e ágeis mãos. O lixo transformado em arte durante os cursos ministrados por ela em Dourados, agora são feitos em Itapema com os resíduos do mar. Atualmente, o seu olhar treinado para encontrar novas utilidades para os resíduos recai sobre as pedras, conchas, areia e galhos manufaturados pelas ondas que dão as formas que ela precisa. “Eu acho coisas lapidadas pelo tempo, que eu não preciso interferir nem moldar, a natureza já fez isso por mim, são peças únicas e raras.”

Enquanto segura uma pedra em forma de coração, Ivete lembra como foi o processo de criação de um trabalho feito por ela. Um casal de namorados com o corpo feito de pedras, em cima da mesa a sua frente, a fez falar sobre suas inspirações. “Eu vejo uma pedra e procuro coisas que podem ser feitas com elas”, revela, enquanto aponta para o coração. “Se eu juntar algumas pedras crio um casal de namorados. Vou procurando pedras que formem os braços, as cabeça e as pernas”, finaliza, ao mesmo tempo que posiciona o coração acima das cabeças do casal enamorado.

Sua procura por objetos e formas à beira mar acontece em caminhadas com seu marido pelas praias da região. A mochila grande e suja de areia no canto do ateliê revela a expedição realizada há pouco tempo. Assim o lazer que também é trabalho enche a mochila de novas possibilidades para criar. “Vou caminhar na praia, coloco minha mochila nas costas e vou imaginando nesse caminho o que vou criar no final. Muitas vezes minha mochila vem cheia, tem coisa que eu deixo para trás porque não tenho mais espaço para carregar”, destaca. Na volta para casa, Ivete se perde na imaginação.



As inúmeras possibilidades de criação são compartilhadas com o companheiro, que a auxilia no processo. Em casa o conteúdo da mochila é lavado e separado conforme material, tamanho e cor. A partir daí Ivete passa horas no ateliê colando, tricotando, cortando e

pintando suas novas preciosidades encontradas na areia.

O mar que traz a sua renda extra no final do mês, também traz turistas, os únicos que valorizam a suas criações. “Eu vendo artesanato com conchas para os turistas. O povo local não valoriza esse tipo de artesanato. Muitas vezes eu me obrigo a fazer coisas que eu não gosto por que eu sei que vai vender”, revela, mas sem perder o sorriso no rosto.

Assim como o mar, o artesanato faz parte do homem, um ser que sempre teve a necessidade de confeccionar objetos para o próprio uso, assim como a vara de pesca. Um ser que precisou usar a própria criatividade para sobreviver e se locomover, como o barco. O artesanato começa junto com a nossa própria história. Desvalorizar o artesanato é desvalorizar a história, o trabalho manual que trouxe humanidade até a atualidade e o trabalho do artesão que deixou parte dele naquele objeto.



# Ótica Liberty

PRESENTÃO DE

**NATAL**  
PARA CURTIR O  
**VERÃO!**

Ótica Liberty  
Av. Marcos Konder, 1313 - Térreo  
Ed. Liberty - Itajaí  
47 3348-2382

 /libertyotica

 @oticaliberty



{na rua}

# OS NÃO ARTISTAS



## *Apesar de quebrar com criatividade a rotina da cidade, artistas de rua ainda sofrem dificuldades e barreiras legais para suas apresentações nas cidades da região*

// Texto **Guilherme Melim**  
**Kevin Tavares**

Andando pela Avenida Brasil de Balneário Camboriú, atrás de boas histórias, uma pomba nos chama a atenção e a fotografamos. De repente dois homens pedem para tirarmos fotos deles. Eles estavam sentados em um simples banquinho de madeira, comendo uma cuca amanhecida e tomando café aparentemente gelado. Então começamos a tirar fotos e nisso percebemos pinos de malabares em suas mochilas. Perguntamos seus nomes, se eram malabaristas e responderam:

- Sou Alisson Rodrigues da Silva, do Paraná
- Y yo me chamo Nicola Pogi, de Argentina.

Ao terminar de falar, se levantaram rapidamente, esquecendo sua parada para o café e mostrando seus talentos com os malabares. Percebia-se nitidamente que suas roupas não eram das melhores marcas, muito menos em boas condições, pois aparentavam não receber uma lavagem há algum tempo. Entretanto, o jeito simples em nos atender fez com que esquecêssemos, durante as perguntas e respostas, qualquer tipo de análise física.

Alisson não se estabelece no conceito tradicional de união familiar. “Minha família são meus companheiros de rua”, afirma. Os dois haviam se conhecido há aproximadamente três meses, em Cascavel/PR, e desde então andam de cidade em cidade mostrando sua arte para as pessoas. Santiago contou que nas ruas já sofreu agressões de todo tipo. Em uma espécie de portunhol, contou sobre sua intenção: “Nosotros não fizemos mal para ninguém, somente nuestras artes. Quieres ganhar o dinheiro, fazer malabares y tomar una cerveza”. Os dois relataram que as pessoas costumam colaborar financeiramente nas suas apresentações, mas o governo não dá nenhum apoio e, em gírias, Alisson expressa sua opinião: “O governo é Babilônia, não incentiva para nada! Nós temos disposição para nosso trabalho, nós não queremos fortalecer o sistema, nós temos outro método de vida!”

Em outro ponto da agitada Balneário Camboriú, um representante de uma tradição asiática: um ninja, um tanto quanto cansado, próximo à entrada de um shopping. Ele chamava a atenção de todos que passavam. Por trás da fantasia está Pedro de Albernás Pereira, que há 10 anos trabalha nas ruas, atuando também de freelancer como editor de imagens para alguns canais de TV local. “Eu gosto de fazer o que eu faço. Todo mundo que tem habilidade e cabeça que sai para as ruas, faz grana!”, afirma o artista. Em média, 8 entre 10 pessoas contribuem com sua apresentação. “Já chegaram a colocar 50 reais de gorjeta na minha caixinha”. Ao ser questionado se necessita de alguma autorização para se apresentar nas ruas, ele diz sempre renovar uma licença na Secretaria da Cultura de Balneário Camboriú, a cada 30 ou 60 dias. Tentamos entrar em contato com a secretaria, mas ninguém nos atendeu, nem ouviu, ou se quer passaram alguma fonte. Quando chegamos próximo ao ninja, havia um jovem de 16 anos, Davi Martins de Oliveira, que assistia admirado e com muita atenção a

apresentação. “Gosto deste tipo de arte, acredito ser um trabalho digno como os outros, onde alegre e chama atenção de todos ou quase todos que por ali passam. Aqui em BC tem muitos artistas, sempre que posso contribuo com algum troco”, afirma Davi.

O preconceito infelizmente ainda é muito grande com artistas. Alisson e Santiago já sofreram diversas ameaças da própria Guarda Municipal, que, segundos eles, agrediram e ameaçaram levar seus malabares e outros instrumentos de trabalho. Ao entrarmos em contato com a Guarda Municipal de Balneário, o comandante Afonso Coutinho Neto, nega, explicando não saber sobre o caso e não receber nenhuma queixa ou boletim de ocorrência sobre o assunto. “A Guarda Municipal trabalha há sete anos na cidade e não age como Polícia Militar. Nenhuma das duas corporações pode agredir ou recolher os objetos”.

Na cidade de Itapema, no litoral catarinense, são proibidas em partes as manifestações artísticas nas ruas. A proibição ocorre

quando há interrupções no trânsito, como por exemplo, fazer malabares em semáforos, como diz a lei nº 115/85, artigo 75, inciso III: “Realização de qualquer atividade que importe em obstáculo de trânsito, como o malabarismo e pedido de contribuições financeiras, inclusive pedágios de cunho beneficentes, como qualquer manifestação de cunho artístico (malabarismo e outros)”. Como vimos na lei acima, fica clara a restrição aos artistas de quaisquer manifestações em Itapema, principalmente se for para ganhar uma mera “esmola” para seu sustento. “Tinha um amigo meu que se vestia de preteado e já falaram: ‘vai trabalhar vagabundo’. Mas ele estava fazendo o trabalho dele. Agora pegar uma arma e sair assaltando em Balneário aí é trabalho... Daí pode!”, afirma Pedro de Albernás Pereira, indignado por não ter seu trabalho reconhecido como arte por grande parte das pessoas. O vereador Cleverton Tanaka de Itapema explica que a

lei vigente na cidade não é direta para os artistas de rua, porém também não os apoia. “Ela inibe a participação deles nas vias, nos semáforos e em locais que atrapalhe a circulação dos pedestres”.

Em Balneário Camboriú não há nenhuma lei específica para artistas de rua, mas assegura, regulamenta e disciplina o Comércio Eventual Ambulante, através do decreto nº 1681. Já em Blumenau, o decreto nº 11.472 limita os serviços dos ambulantes e arte nas ruas da cidade. Somente é permitido em determinados espaços e com a autorização da prefeitura municipal. Com essa lei, os artistas não podem ocupar vias públicas, logradouros e bens de uso público. Para ter liberação, os artistas e artesões precisam procurar a Fundação Cultural de Blumenau para realizar seu cadastro.

Os artistas de rua, no litoral catarinense, são poucos reconhecidos e não têm lei que assegure ou os proteja. Demonstrem suas artes em avenidas, praias e semáforos em troca de mera esmola, mas nem sempre são reconhecidos como verdadeiros artistas. Como diz Alisson, “Viva a arte!”

“*Todo mundo que tem habilidade e cabeça que sai para as ruas, faz grana!*”

{sucesso}

# ALÉM DAS FRONTEIRAS

*Na música do Dazaranha ou no humor de Dete Pexera, a arte catarinense sai dos palcos daqui e circula pelo Brasil exportando o talento dos artistas*

Em 1998, o Dazaranha lançou o disco Tribo da Lua, que fez a banda entrar para a história por ser a única de Santa Catarina a receber um disco de ouro, concedido a bandas que têm mais de 50 mil cópias vendidas.

// Texto *Carolina Schuch*

O Brasil é rico em diferentes culturas, crenças, nichos e dialetos. Cada região possui características muito particulares e peculiares. Muito se transmite os conhecimentos generalizados sobre hábitos típicos de cada população, mas difícil é vencer a barreira e levar a cultura de um lugar a outro. E a arte é um grande canal para isso.

A cultura de Santa Catarina se reflete nas variadas etnias que colonizaram essas belas terras. Isso também se manifesta nas artes, na música, no artesanato, na linguagem e na gastronomia.

Mesmo com diversos atrativos turísticos, a arte regional ainda precisa vencer muitas barreiras culturais para ser reconhecida nacionalmente. São poucos os artistas que conseguem, através do seu trabalho, levar o nome e a cultura de Santa Catarina para todos os cantos do Brasil.

Foto: Divulgação







Foto: Divulgação

Com o sucesso rápido no YouTube, a Déte ultrapassou a barreira do regionalismo e conquistou rapidamente fãs em todo o Brasil.

Um estado completo, que oferece lazer, entretenimento e arte em todas as suas regiões. Seja pela cultura alemã (representada principalmente pela Oktoberfest de Blumenau), pela dança da Escola do Teatro Bolshoi em Joinville, ou ainda pelo grande entretenimento nacional Beto Carrero World, localizado em Penha. Santa Catarina é, sem dúvida, uma referência em diversos segmentos.

Os grandes “polos de arte”, desenvolvedores e propulsores de profissionais que trabalham com arte estão no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas os (bons) artistas estão presentes em cada cidade desse gigante país. Assim como muitos, o ator e músico Rizzih deixou Itajaí, em 2015, para buscar mais oportunidades de trabalho em São Paulo. “Viver de arte é muito difícil, e em Santa Catarina é mais difícil ainda. E como o Sudeste é a terra das oportunidades decidi ir em busca de novos horizontes”.

Mas foi através da sua cultura de raiz que o artista conseguiu atingir o sucesso. “Eu tinha acabado de me mudar para São Paulo, e sentia muita falta de casa, do pessoal de Santa Catarina. O texto surgiu na minha cabeça e depois de ligar a câmera naturalmente nasceu a Déte. Encontrei nela uma forma de homenagear o meu povo, de resgatar minha cultura e trilhar um novo trabalho para mim”, comenta.

Há mais de dois anos, Santa Catarina ganhou destaque nas redes sociais através da personagem Déte Pexera. Claudio Pereira Junior, o Rizzih, quebrou as barreiras territoriais e disseminou a cultura local retratando toda a particularidade do jeito e dialeto da mulher catarinense em situações cotidianas.

Sem o auxílio da internet, uma banda que - desde a década de 90 - chama atenção para o cenário musical local é o Dazaranha. A banda de rock carrega nas letras das músicas as características culturais de Florianópolis e do Estado.

“Quando a música tem originalidade, acho que isso gera identidade nas pessoas. Por isso encontramos na cultura da nossa cidade uma forma de conquistar aos poucos as cidades vizinhas, nos tornando uma banda da Grande Florianópolis. Depois é que fomos conquistar outras cidades, e sermos reconhecidos como uma banda catarinense”, declara Moriel, guitarrista e compositor.

Em todas as formas de arte, a receptividade do trabalho é muito maior quando o público se vê representado. Foi o que aconteceu com a Déte. Rizzih explica que a personagem só fez sucesso porque ela

existe de verdade, todo conhecem e convivem com alguém como ela.

Moriel explica que primeiro é preciso conquistar uma cidade, depois a região, seguindo para o estado e depois buscar o sucesso além das fronteiras. “Quando tu tens a representatividade do teu Estado parece que os outros assimilam a sua importância pelo que se constrói, ou pela continuidade que se dá no processo da música autoral no teu Estado. Isso é meio que uma confirmação, é um direito adquirido dos artistas de conquistar outros lugares, levar a arte para outras pessoas”.

Com o sucesso rápido no YouTube, a Déte ultrapassou a barreira do regionalismo e conquistou rapidamente fãs em todo o Brasil. “Hoje tenho inúmeros fãs que não são catarinenses e não conhecem o sotaque daqui. Tem gente que me pergunta ‘O que significa isso? Ri sem nem entender’. A personagem é carismática e, por isso, foi abraçada por pessoas de outras regiões. Porém, o maior sucesso é, com certeza, entre o povo catarinense”.

## O Estado ganhou destaque nas redes sociais através da personagem Déte Pexera

O processo da música é diferente, sendo um pouco mais demorado. Foi através do contato com muitas bandas, com sucesso nacional consolidado, que o Dazaranha foi aos poucos ficando cada vez mais reconhecido.

Em 1998 o Dazaranha lança o disco Tribo da Lua, que fez a banda entrar para história por ser a única de Santa Catarina a receber um disco de ouro, concedido a quem tem mais de 50 mil cópias vendidas. A faixa de maior sucesso, tocada em todas as rádios, foi “Vagabundo Confesso”, composta por Nestor Capoeira e recriada por Moriel. A música ficou conhecida como uma espécie de hino da vida no litoral catarinense.

Moriel aponta um show realizado em Curitiba, numa festa da Tony Country, como o marco do início do sucesso do Daza pelo Brasil. Outra contribuição que o guitarrista faz questão de citar foi a divulgação feita por outro ícone de Santa Catarina, o tenista Gustavo Kuerten. “Ele foi fundamental no nosso reconhecimento nacional, o Guga fazia questão de dizer que sua banda era o Dazaranha, e levou nosso nome junto com seu crescente sucesso mundial no esporte”.

A arte precisa conquistar as pessoas. Mostrar com orgulho e respeito suas raízes culturais é uma das formas mais encantadoras de fazer arte e envolver as pessoas. “Eu acredito que a palavra é ‘encantamento’.

Quando ele acontece, todas as resistências ao novo são diluídas, isso chama-se convencimento. Uma banda que se dedica tanto quanto nós, tem muita propriedade no que está fazendo”, define Moriel.



# MEMÓRIA GUARDADA

Foto: Marcos Porto/Prefeitura de Itajaí

*Após melhorias e reformas, museus de Itajaí percebem aumento no público e no reconhecimento da importância dos acervos*

// Texto *Eugênio Elvis dos Santos*  
*Máiume Ignácio*

O coração da história de Itajaí, mais precisamente na Rua Hercílio Luz e conhecido como Museu Histórico de Itajaí, ganhou uma grande fama depois de sua reforma. Tudo graças às melhorias e a grande parte das obras serem de acervos locais. Marco Antônio, responsável por toda parte do acervo do Museu Histórico de Itajaí, conta que a ideia do museu, restaurado em 21 de dezembro de 2016, foi toda pensada com acervos locais, desde a carpintaria naval até peças do século XX.

O secretário dos acervos do museu ainda explica: “Temos peças que não são da cidade de Itajaí, como a parte da segunda Guerra Mundial. São peças que nem são nossas e sim emprestadas, mas tivemos que colocar para completar a temática”. Hoje, o museu conta com mais de 16 mil peças ao todo, como quadros de antigos nomes de Itajaí, obras de Dide Brandão, histórias de Marcos Konder, além de uma grande maquete da antiga cidade de Itajaí.

“Comparando com 2013/2014, o museu teve um grande aumento de público. Não temos uma base, por essa restauração ser muito nova, mas visualmente vimos que temos um número maior de visitantes”, conta a senhora Dulceclea Marcolino da Silva, mais conhecida como dona Dulce, autora do livro “Memórias do Sertão” e guia do museu de Itajaí.



# Tecnologia e passado se integram

A temática do museu se destaca muito pela diversidade e pelo grande uso de tecnologia. Já no início da visitação, você é levado para uma sala, onde você se sente como se estivesse na pré-história da cidade peixeira, com bancos de madeira colocados de forma que se sentisse no barco. Você senta e começa um vídeo. São utilizados três retroprojetores, fazendo a parede da frente com imagens do mar, e os outros dois, mostrando a beira do rio, com a história desde os índios pescando até os portugueses chegando a Itajaí. Depois disso, você segue a visita, e em cada local um guia diferente, para tirar suas dúvidas, caso necessário.

No local, ainda encontramos dona Rita de Borba, com seu filho Enzo. Ela comenta que é sua primeira vez no museu e que gostou da nova estrutura com a maquete, os quadros falando com você e a visita que parece estar em um navio. Ela é moradora de Itajaí e afirma que é muito importante essa tecnologia, para interagir também com os jovens. “Enzo ainda é novo, tem apenas 5 anos, mas está gostando bastante, e com essa tecnologia, acredito que atrai muitos jovens e crianças”.

Entre as inúmeras peças do museu, responsáveis por contar a história de Itajaí e de seus primeiros moradores, é possível encontrar a coleção do poeta Marcos Konder Reis (considerada uma importante referência para a literatura), além de objetos, doados pela prefeitura. Comunicar, contar histórias e desenvolver relações de identidade. Estes são os principais objetivos deste acervo tão rico.

Com uma coleção de arte bem variada, capaz de trazer desde o academicismo até a arte contemporânea, o destaque vai para nomes como Dide Brandão, da Escola Nacional de Belas Artes, e outros representantes da historiografia da arte local como Smykalla, Hugo Calgan e Lucy Ferreira.

Mantido pela Fundação Municipal Genésio Miranda Lins, o museu também capta recursos através de parcerias, como a feita com a Associação de Amigos do Museu. Dessa forma são desen-

volvidos projetos de exposições e eventos em geral. Segundo a Diretora do Museu, Evelise Moraes Ribas, “apesar de haver muitas demandas ainda a serem resolvidas, é importante ressaltar que a realidade de Itajaí, se comparada aos demais museus do estado, é muito diferenciada, visto os investimentos e a estrutura técnica dos museus da cidade.”

Com um cenário artístico bem consolidado, a cidade conta com políticas públicas que facilitam a busca por todos os seguimentos. Foram criadas câmaras setoriais de teatro, artes visuais, literatura e produção audiovisual, para acompanhar os editais que criam demandas, discutem, e agregam produções de cada área.

Com tantos incentivos, parece difícil resistir à busca pela cultura. No entanto, a diretora do Museu Histórico de Itajaí avalia que para essa busca ser contínua “o público precisa ser permanentemente incentivado, seja pelo poder público ou pelos produtores culturais”.

Logo ao lado do museu fica uma das casas mais famosas da cidade. Inaugurada em 1982 e localizada no centro da cidade, a casa que leva o nome de uma grande artista local, Dide Brandão, utiliza duas galerias para a exposição de obras. Todo ano é aberto edital para seleção de novas exposições, de artistas locais e também nacionais, como explica Ilda Deola, diretora da Casa da Cultura.

As obras selecionadas ficam na galeria da Casa da Cultura por 30 dias, sendo cinco dias para o artista montar e desmontar e 25 dias para exposição. A Casa da Cultura oferece segurança no local 24 horas e monitores para os turistas.

A Casa da Cultura, assim como o museu, também foi restaurada e teve sua reinauguração no dia 4 de dezembro de 2016. Seu Manoel Campos, segurança da Casa da Cultura, conta que o movimento é muito bom, sendo muitos alunos para as aulas de teatro, música e dança e muitos turistas, escolas e universidades quando tem obras expostas nas galerias.

Alguns projetos são realizados em volta da Casa da Cultura, como o grupo de Rap Colisão e a equipe Aculturada, que vende seus artesanatos.

*A temática do museu se destaca pela diversidade e pelo uso de tecnologia*

Foto: Victor Schneider/Prefeitura de Itajaí





# COBAIA

JORNAL-LABORATÓRIO DO CURSO  
DE JORNALISMO DA UNIVALI

jornalcobaiia.com.br







**JORNALISMO**  
UNIVALI



# MELHORES UNIVERSIDADES

EDITORA  Abril

**2018**

**Jornalismo - Bacharelado**

Universidade do Vale do Itajaí  
Itajaí



# HÁ ESPAÇOS?

*Em palcos grandes e pequenos, e até mesmo a céu aberto. Descubra o cenário que produtores culturais encontram para produzir eventos e espetáculos nas cidades da região*

// Texto *Andrei Martins*  
*Zury Fernandes*

Assim como nosso corpo precisa de oxigênio para sobreviver, uma cidade também necessita de batimentos culturais para torná-la viva. Dos arranha-céus ao caos desenfreado da vida moderna, Itajaí e Balneário Camboriú se destacam em expressões e criatividades no cenário artístico de Santa Catarina. São palcos de teatro, música, artes plásticas, artesanato, moda, design, performances, intervenções urbanas, vídeo e cinema. Porém, apesar de tanta abrangência no cenário cultural, ambas as cidades que contemplam o litoral catarinense encontram-se com insuficiência de locais disponíveis para a realização de atividades artísticas. Esse fator leva muitos artistas a realizar apresentações ao ar livre, como por exemplo, na Hercílio Luz em Itajaí, e na praça Tamandaré, em Balneário Camboriú.

Uma pesquisa nacional divulgada pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ) sobre os hábitos culturais dos brasileiros revela que 56% dos entrevistados frequentaram pelo menos uma atividade cultural no ano passado. Os frequentadores de peças de teatro aumentaram 11%, com crescimento de cinco pontos percentuais.

Aqui em Santa Catarina, a cidade portuária de Itajaí é sede de uma das maiores estruturas da região, o Teatro Municipal. O espaço conta com o mais moderno sistema de prevenção de incêndio, sistema de iluminação cênica e sonorização, além da equipe de apoio. A estrutura física do teatro possui capacidade para receber 515 pessoas, sendo 505 poltronas e 10 cadeirantes. Este espaço recebe apresentações locais, estaduais, nacionais e internacionais.

A jornalista cultural e empreendedora Karoline Gonçalves já

realizou produções no teatro, e aponta as características do local. “O teatro tem rampa, é todo iluminado, a acústica dele é excelente, as poltronas são confortáveis, tem ar condicionado, ele é todo de carpê, é uma construção boa”. Uma das problemáticas do teatro, segundo o ponto de vista de Karoline, é o alto valor pago pela utilização do local, pouco mais de um salário mínimo. “Um produtor local paga quase mil reais para usar o espaço, isso é muito dinheiro. Não é um teatro privado, e nós temos que pagar por um local público de gestão municipal, nessas condições se torna caro”. Sobretudo, a agenda do teatro municipal é lotada, a concorrência é principalmente nos finais de semana, e no mês das crianças, outubro, que acontece maior quantidade de produções artísticas.

A cidade também possui lugares menores para apresentações, como a Casa da Cultura Dide Brandão e espaço SESC. A Casa da Cultura, inaugurada em 1982, oferece danças, músicas, teatro, entre outras atividades. O ambiente possui 80 lugares para receber o público em apresentações teatrais. O local é barato, bem localizado e também tem a agenda concorrida. Em contrapartida, a casa deixa a desejar em condições estruturais. Sob o ponto de vista artístico, a professora e coreógrafa Ana Cristina Vanzuita faz uma crítica e ressalta a falta de locais na cidade. “O teatro da Casa da Cultura é pequeno. Quando o espaço entrou para a reforma, fiquei sem lugar para dar as minhas aulas. Sempre faltaram espaços disponíveis para arte. O Teatro Municipal não foi bem planejado, o espaço nas coxias é pequeno e dificulta a entrada e saída de cenários”



O Sesc, em Itajaí, também é palco para atividades culturais. Presente em todo o país, realiza ações na área da educação, saúde, cultura e lazer. O local não é um teatro oficial, mas possui uma sala multiuso com capacidade para 160 pessoas, e não é permitido cobrar ingresso pelas apresentações. O Centreventos de Itajaí, a Marejada, disponibiliza um auditório para agenda cultural. No entanto é inviável levar grandes produções para o espaço devido às condições. O lugar não possui coxia, panos, palco e também não oferece uma boa acústica devido às necessidades do ambiente.

A cidade também possui alguns espaços privados, como o Itajaí Criativa, caracterizada como residência artística. O local ocupa 200 metros quadrados e a sala tem capacidade para receber 60 pessoas. E também existe a Vila 705, um espaço privado que possui sala para ensaios com capacidade para 15 pessoas, além de escritórios, cozinha, ateliê e uma área de convivência externa com capacidade máxima de 80 pessoas, onde são realizados pequenos eventos com música, teatro e gastronomia. Em Balneário Camboriú, o Centro de Eventos Itália é um local que reúne opções para eventos. Não é um teatro, é uma estrutura de auditório. Não possui equipamentos de luz, coxia, camarim. A acessibilidade é feita só por escadas.

Do outro lado, no contraste entre o mar e concreto, Balneário Camboriú conta com o Teatro Municipal Bruno Nitz. A estrutura tem capacidade para 345 pessoas sentadas, e na plateia inferior são 218 lugares. O teatro possui 2,8 mil metros quadrados de área construída, o palco mede 12 metros de profundidade e sete de altura. Conta com sistemas de climatização, iluminação, sonorização e automação. Para a atriz Ana Beling o teatro encontra alguns problemas. “Nas estruturas dos locais, o que complica é geralmente os equipamentos de sonorização e iluminação. Os espaços que mais têm equipamentos são os teatros municipais. No Bruno Nitz algumas poltronas foram mal projetadas. Quem senta nas últimas das laterais perde um pouco da visão. São questões pensadas e projetadas por alguém que não entende de teatro”.

Na contramão da história, a plateia muitas vezes não tem dimensão do que acontece por trás das cortinas. Os artistas, por sua vez, geralmente passam por condições difíceis para realizar

um espetáculo. Isso pode acontecer desde a produção até os segundos finais do show. No ponto de vista do espectador, a blogueira Karina Morillo ressalta: “Acredito que falta maior apoio da prefeitura para projetos culturais. Quando algo é realizado, não é bem divulgado. Mas os teatros municipais são ótimos, o ambiente dos dois é bem elaborado, espaçoso, com poltronas confortáveis e uma boa iluminação para o palco”.

Produzir um espetáculo não é uma tarefa fácil, exige preparo e muita dedicação. Além de gastos pessoais, como alimentação, hospedagem e locomoção, o artista também precisa de figurinos e maquiagem, tudo isso acarreta numa série de gastos. Por isso, é essencial um espaço com boa estrutura para receber não somente o público, mas também os artistas. Há preocupações em torno

do vazio deixado pelos espectadores. Para a atriz Aline Carolina Barth, as poltronas dos teatros estão, em sua maioria, cada vez mais desocupadas, o que gera preocupações. “As pessoas vão menos ao teatro do que antes, principalmente por causa da indústria do entretenimento. Inclusive nossa entrada em escolas está mais difícil nos últimos 5 anos”.

Além da falta de espaços destinados para a arte nas cidades de Itajaí e Balneário Camboriú, outras problemáticas afetam o cenário artístico. Apesar das pesquisas apontarem aumento na participação das pessoas em atividades culturais, esse número ainda é pequeno. “As pessoas comparecem muito pouco ao teatro, assistem poucos espetáculos. Elas não têm esse hábito e não sabem a importância. Eu diria que o principal problema não são os equipamentos culturais, e sim a falta de interesse do público. Isso é um desafio imenso para nós produtores, porque sem plateia, não existe espetáculo”, reforça

Karolina Gonçalves.

Contudo, para produzir um espaço agradável para atender a demanda de cada cidade é preciso pensar numa série de fatores que definem os locais públicos urbanos, e todos os elementos que envolvem este espaço. O conforto, por exemplo, é assegurado por requisitos essenciais: segurança, qualidade no interior do ambiente, boa qualidade sonora e abrangência de palco para as os artistas. Um projeto bem arquitetado é imprescindível para proporcionar ao público uma estrutura adequada e com maior comodidade.

Apesar do aumento na participação do público, esse número ainda é pequeno

Foto: Marcos Porto/Prefeitura de Itajaí





Foto: Catarine Moraes

# ITAJAÍ

*Cursos, oficinas, festivais, artistas talentosos. A história e os motivos que fazem da música a principal arte da cidade*

// Texto **Bianca Goulart**  
**Juny Huguen**

“Papagaio, Morcego, Da Cruz e do Farol, Da Atalaia à Praia Brava, São João, São Vicente, Olha o Nego Dico aí, gente!”. É assim que canta o músico Carlos Cória, ao homenagear as curvas, contrastes e cores de Itajaí. Nos finos grãos de areia que formam as belas praias até a composição formada por diferentes tons de verde no alto do morro. A história de Itajaí está no sotaque peixeiro, na expressão cultural, na rua que é toda vida reta. Está nos contêineres da Banda Tarrafa Elétrica. E, como diz Vê Domingos, neto de benzedeira, é onde a rua vira avenida “pro nosso boi passar”.

As características e elementos que tornam Itajaí inspiração para os artistas da terra não são as únicas razões que fizeram a música tornar-se talvez a principal arte local. A própria cidade viu estruturas sendo criadas ao longo de sua história. Festivais, o Conservatório de Música Popular de Itajaí e o Curso de Música são apenas alguns dos suportes que ajudam a estabelecer o alto nível da região, tornando Itajaí um dos destaques catarinenses na música.

Nos anos 70, 80 e 90, importantes festivais foram realizados na cidade peixeira, como o ITAJAZZ – evento que há mais de 20 anos ressalta o jazz e o samba, gêneros influenciados pela cultura negra. Segundo a jornalista Natália Uriarte Vieira, escritora do livro “Clave de Sol, Clave de Mar – Histórias da Música Instrumental em Itajaí”, este evento foi a semente que deu origem ao que, atualmente, é o Festival de Música de Itajaí. “O Festival de Música foi o boom, o que explodiu o movimento, iniciando uma nova fase da música na cidade”, destaca. A jornalista explica que ele não foi o primeiro grande evento musical, surgindo – justamente – por já existir um palco com grandes artistas.

Para os cantores itajaienses, o festival é um marco para a cidade, pois ajuda a formar sua identidade cultural. O cantor da Banda Tarrafa Elétrica, Evandro Francisco Marquesi, popularmente conhecido como Evandro Che, conta que o grupo participou pela primeira vez do Festival de Música em 2016. “Itajaí, definitivamente, é uma cidade com vocação artística e o Festival de Música de Itajaí ajuda a levar o nome da cidade para vários cantos do país”, destaca. A Tarrafa Elétrica canta há 13 anos a cultura açoriana, a influência da cultura negra, as belezas naturais e as questões ecológicas presentes em Itajaí.



# ITAJAÍ É SOM

Para os cantores itajaienses, o festival é um marco para a cidade, pois ajuda a formar sua identidade cultural.

Foto: Joana Tripadalli





Foto: Divulgação

## Dos festivais ao cursos de Música

Aliás, o som produzido na cidade peixeira tem mesmo ultrapassado as fronteiras territoriais e conquistado outras regiões do Brasil. Vê Domingos, o neto de benzedeira, é prova disto. Os trabalhos do cantor renderam conquistas que eternizaram sua música em vozes de grandes artistas do país, como nas dos membros do grupo O Rappa. Uma das composições compartilhadas por Vê foi “O Horizonte É Logo Ali” - presente no álbum “Nunca Tem Fim”. Desde a infância envolvido com música, ao longo de sua carreira Vê cantou sobre o litoral catarinense. “É uma riqueza imensa lidar com essa questão do homem do mar, da conquista do homem do mar e fazer uma analogia com a vida”, ressalta. Além disso, em suas letras há a marca da cultura açoriana, da obra de Franklin Cascaes - que ressalta a presença dos açorianos em Florianópolis, do folclore e das belas praias de Itajaí, como a Praia da Atalaia.

Com o tempo e a formação sólida dos músicos da região, outro feito tornou Itajaí um celeiro de grandes artistas. O Curso de Música da Univali ajuda a fortalecer e projetar o cenário musical de Itajaí e está há mais de dez anos formando novos artistas - vindos de diferentes regiões do Brasil. “Acredito que o principal fator para a criação do curso foi o Festival de Música de Itajaí, que alavancou o cenário em termos de formação musical através das oficinas e, também, da formação de plateia por meio dos shows”, explica o coordenador e professor do curso de Música da Univali, Rodrigo Gudin Paiva.

Paiva conta que além da possibilidade de formação como Bacharel em Música - com foco na qualificação de instrumentistas e músicos que pretendem trabalhar em estúdio e com produção musical -, os alunos também podem escolher a formação em Licenciatura, para assim tornar-se professor.

Egresso do curso de Música da Univali, com habilitação em Licenciatura, o músico e professor Carlos Cória explica que a formação acadêmica o ajudou a ter uma metodologia profissional, o que tornou o seu processo de criação mais fácil. “Com isso eu conquistei a solidez acadêmica e técnica. Hoje, tenho uma visão diferente do que é composição se comparado a quando eu escre-

via apenas as poesias e achava que poderia virar música”.

Carlos Cória é compositor do hit Papa-Siri, música que o inspirou a desenvolver um projeto, o Siri na Lata, para escolas municipais da cidade. “Papa-Siri começou tudo, me projetou como um artista que fala sobre Itajaí e - foi a partir disto - que eu pensei em escrever mais músicas neste estilo. Quando tinha seis, sete músicas brincando com o tema, criei o pocket show Siri na Lata”, salienta. Ele explica que, como as escolas precisavam de um material didático e sonoro que pudesse ser utilizado dentro do espaço, suas músicas foram bem recebidas.

Porém, não é apenas o curso de Música que tem formado artistas em Itajaí. Com o crescimento e importância que esta arte ganhou na cidade e a criação do Festival de Música, foi instalado

no município - em 2007 - o Conservatório de Música Popular de Itajaí Carlinhos Niehues. “O festival de música trouxe vários artistas do Brasil para cá e eles começaram a trazer conhecimento, deixar material aqui. Mas, o festival acontecia só durante uma semana, então começaram a surgir questões de como seria o acompanhamento do conteúdo deixado em Itajaí depois que o evento terminasse”, destaca o diretor do conservatório, Eliezer Patissi. Com isso, dez anos depois, foi instalado o conservatório, espaço dedicado a debater e praticar tudo o que é aprendido no Festival de Música do Itajaí e além dele.

O sonho de dar vida ao conservatório na cidade só se tornou realidade porque, já em 2005, uma comissão formada por pessoas interessadas em sua construção foi para várias partes do Brasil buscar apoio. Segundo Patissi, foi a Unicamp, de São Paulo, quem deu o suporte necessário para tornar o es-

paço realidade, fazendo a primeira seleção de professores, mudando a grade curricular do conservatório e até disponibilizando seus docentes para dar aulas e acompanhar o desenvolvimento do espaço nos primeiros anos. Atualmente, o Conservatório de Música Popular de Itajaí é referência, sendo o único espaço deste estilo em território catarinense. “Itajaí é o palco da música em Santa Catarina, pois nenhuma outra cidade tem, por exemplo, um conservatório e um festival de música”, finaliza.

Vê  
Domingos  
teve uma  
canção sua  
gravada  
pelo grupo  
O Rappa





Foto: Joana Tripedelli

## O que inspira os filhos da terra?

Os ritmos que embalam a música itajaiense são o jazz e a música popular brasileira, presentes tanto na música instrumental, quanto nas melodias que dão vida às composições dos artistas. Segundo a jornalista Natália Uriarte, além destes, antigamente, outros ritmos marcavam as composições dos músicos, como a bossa nova, o samba e o choro.

Já as letras cantadas, estas são inspiradas pela praia, pelo sotaque peixeiro, a cultura açoriana, o rio Itajaí-Açu, o Saco da Fazenda, no Bairro Fazenda – onde anos atrás – como conta Carlos Cória, havia água e podia pescar, “pegar siri”. Está também na pesca artesanal praticada pelos pescadores, sustento de tantas famílias. A música de Itajaí está em suas belezas naturais, que com suas formas imperfeitas despertam canções que eternizam a história da cidade.

A banda Tarrafa Elétrica tem uma trajetória de canções e performances que valorizam a cultura local, especialmente a açoriana.

Foto: Maicon Renan





"Fazer teatro" é muito mais complicado do que se pensa. O processo de criação demora meses para ser concluído e envolve muito esforço e dedicação da equipe.

# ÁRDUO CAMINHO ATE O PALCO

*Recursos financeiros, reconhecimento da plateia, dedicação total. A trajetória para criar um espetáculo teatral é difícil e envolve muita paixão pela arte.*





Fotos: Divulgação

// Texto **Carolina Copello**  
**Michel Borba**

Ao fechar as cortinas, a plateia mal imagina todo esforço e dedicação que é necessário para colocar um espetáculo de pé. A arte demanda muito mais do que se vê no momento de sua execução. Antes da estreia, toda a equipe trabalhou duro para que esse grande momento chegasse. Dentre eles estão técnicos de luz, de som, figurinistas, contrarregistas, diretores, atores, cenógrafos... Enfim, o show só acontece se todos estiverem em sincronia.

Mas apesar do grande número de pessoas envolvidas, o público em geral ainda caminha em uma estrada de desconhecimento e desvalorização da arte. Como diria o ditado: “santo de casa não faz milagre”. As produções locais são cada vez menos apoiadas pelo público. “As pessoas acabam valorizando mais quem é de fora do que quem está dentro, isso por falta de hábito, falta de cultura... Elas não entendem o que é uma produção artística local, quais são as dificuldades”, explica a produtora cultural Karoline Gonçalves, de 28 anos.

“Fazer teatro” é muito mais complicado do que se pensa. O processo de criação demora meses para ser concluído e envolve muito esforço e dedicação da equipe. Além dos desafios do dia a dia, o custo e as formas de captação de verba são os maiores empecilhos. Em Itajaí, por exemplo, só há um único edital por ano que distribui entre todos os projetos artísticos uma verba de 1 milhão de reais. Fora o teatro, também são contemplados na Lei de Incentivo à Cultura os músicos, fotógrafos, artistas plásticos, dançarinos, escritores, e muitos outros artistas. Um cálculo rápido e é possível perceber que a verba é pouca para uma cidade tão cultural como Itajaí.

Karoline conta que se não fosse por amor, ela já teria desistido muitas vezes de trabalhar com a arte. Ser produtora cultural vai além das burocracias enfrentadas. É trabalhar muitas vezes para educar as pessoas culturalmente dentro da arte. “O nosso trabalho é meio que educar... Educar os servidores públicos, educar o público, educar o artista... E ir conscientizando, sensibilizando, dialogando e mostrando teu trabalho, enfim, um dia a gente chega lá”, diz Karol.

Para você, leitor, ter uma pequena noção, listamos alguns profissionais que estão envolvidos na criação de um espetáculo, são eles: diretores, assistentes de direção, atores, técnicos de iluminação e som, figurinistas, cenógrafos, contrarregistas, assessores de imprensa e produtores. Todas essas pessoas trabalham por meses na construção da obra teatral e, claro, precisam de um salário para sobreviver.

Se estivéssemos falando em números, apenas o aluguel de um teatro com 500 lugares sairia em torno de R\$ 1000,00 a diária ou sessão. Isso sem contar os salários da equipe, os custos de tecido e costureira, a divulgação da peça e toda a montagem em si. Ao fim, é possível perceber o tamanho do esforço colocado à prova para que um espetáculo chegue ao palco.



# A questão financeira

Dentro do orçamento apertado, os artistas locais costumam gastar em média 30 mil reais em uma produção teatral completa. Mas basta um cálculo rápido e conseguimos ver que o salário da equipe é pequeno comparado a carga de trabalho nesses meses. O que acontece nesses casos é uma obrigação indireta de fazer o artista se adaptar para caber dentro desse orçamento, tentando não interferir na qualidade da produção.

“Muitas pessoas ainda pensam que é apenas vestir uma roupa e entrar na festa, não imaginam todo o trabalho de produção antes e depois. Não imaginam que para a roupa estar daquele jeito muitas vezes uma madrugada inteira foi perdida naquilo, ou ainda quantos ensaios são feitos para que a performance seja perfeita e de acordo com o personagem”. A afirmação é da atriz Maria Julia Kumm Pontes. Com 22 anos, a atriz local trabalha profissionalmente há pelo menos quatro anos. Maria Julia mora com os pais e tem bolsa de estudo na área da saúde, mas admite que viver sozinha pagando as contas apenas com sua arte é difícil (já que sua renda financeira está sempre mudando).

Trabalhar com arte e poder viver somente dela é o sonho de muitos iniciantes e veteranos do teatro, mesmo sendo um caminho árduo. Alguns alcançam este objetivo, outros, como Maria Julia, acabam tendo que trabalhar em mais de uma área, mesmo tendo a paixão pela atuação. “Trabalho com arte pois amo o que faço, e, por sorte do destino, ganho para fazer o que amo. Foi com esse trabalho que entendi que é possível fazer o que se gosta. Faço faculdade na área da saúde e pretendo continuar atuando após formada”, relata. Aos que pensam que seguir este sonho é fácil, se enganam. “Amor pela arte significa abrir mão de luxos pessoais, entender que é preciso lutar pelo seu espaço e provar a que você veio. É entender que haverá muitas dificuldades pela escolha que você fez, mas que no fim vale a pena. É defender sua classe. É sempre buscar melhorar e aceitar críticas”, declarou a jovem atriz sobre seu amor pela arte.

O esforço para trazer um espetáculo de pé, como é de se imaginar, é enorme. A artista contou que dirigiu um espetáculo infantil em 2015, que não chegou a criar vida. Falta de comprometimento, apoio e retorno financeiro foram os motivos pelos quais o projeto não foi em frente. Em outra peça que atuou na empresa que trabalha, intitulada “Heróis e Princesas”, o retorno não foi como esperado. Apesar de ter realizado seis apresentações em três cidades diferentes, o custo da produção foi alto, aliando-se com o grande número da equipe participante (15 pessoas), resultou em algo não tão gratificante. Sempre positiva, Maria Julia adiciona: “o ponto positivo é que divulgamos nosso trabalho, tornando possível a produção de mais eventos”.



Foto: Divulgação

## Ensinar e lutar por espaço

Já o professor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da Univali, Gabriel Fidelis, 21, dedica todo seu tempo à arte e ao teatro. Ele conta que o salário de professor cobre todos os gastos diários e mensais, mas, se dependesse apenas do cachê como ator, isso não seria possível. Apaixonado pelo teatro, ele se sente vivo ao lecionar ou estar nos holofotes. Trabalhar com o que ama lhe traz qualidade de vida, intensificando pensamento crítico e criativo. Fidelis reconhece a dificuldade e o contraste entre produzir uma peça dentro do colégio e fora. “É muito fácil ali, na Univali. Mas eu sei que é muito complicado e precisa de muitos patrocinadores para colocar um espetáculo de pé, fora dali. Eu tive um show recente, que para colocá-lo de pé, precisou de muito patrocinador e muito dinheiro saindo do bolso da minha produtora”, avalia.

Sobre a valorização, o artista se sente confuso. Ele opina que o público valoriza a peça pelo preço. Quando o valor do ingresso é alto, tende-se a pensar que a produção dela seria melhor que uma que tem um valor mais baixo. “As pessoas estão aptas a pagar mais caro do que mais barato para ir no teatro. Isso é muito louco!”, brinca.

Fidelis se mostra preocupado com os gêneros que mais atraem do público para o teatro. Ele explica que as peças de humor e de “youtubers”, de uma forma generalizada, são as únicas que realmente conquistam uma grande plateia. As peças que trazem reflexão, com temas voltados para a militância negra e LGBT, por exemplo, amargam poucos lugares ocupados. “Me preocupa porque o teatro te deixa crítico quando tu vai em peças, atuações ou performances que te fazem pensar, que criticam teu modo de viver e de pensar, assim como o da sociedade. Espetáculos de youtubers geralmente não fazem isso”, avalia. Esta falta de crítica da sociedade, aliada ao preconceito, traz à tona o quanto é preciso discutir estes temas no dia a dia. O ator contou que sua produtora já foi expulsa de estabelecimentos ao procurar patrocínio para uma produção de um show de Drag Queens. Para ele, a burocracia dos editais juntamente com a busca de patrocínio, que enfrenta diversos tipos de preconceito atualmente, são as maiores dificuldades para produção de um espetáculo.





**G.Laffitte**

**A MARCA DO LOTE**

**LOTES A  
PRAZO**

---

**(47)3365-8800**

{teatro}



# A LÍNGUA VIVE

*Na pacata Nova Trento, um grupo de teatro preserva um dialeto pelos palcos da região*



// Texto **Lorena Polli**  
**Maicon Rech**

Todas as segundas-feiras, no Circolo Trentino di Nova Trento, na cidade de Nova Trento, um grupo de teatro dialetal se reúne para ensaiar uma peça. Numa rua pacata e com poucas residências, lá pelas sete da noite é possível ouvir de longe o movimento dos carros na avenida principal, enquanto a luz do dia começa a dizer adeus. Enquanto esperava dentro do carro os atores chegarem, decido tirar umas fotos externas do local onde acontecem os ensaios, e no carro da minha frente, o senhor Mario Merizio, um dos atores que compõem o grupo, desce e já me pergunta o que eu vim fazer ali.

Expliquei a ele minha intenção de entrevistá-los para uma matéria para a revista da faculdade. “Ah, sim sim, eu não gosto de entrevista, muita gente já me convidou, mas a Aliria [diretora artística] pode falar tudinho”, disse ele, com a expressão um pouco alterada. Um pouco depois, a diretora artística chegou para abrir o Circolo. Ela, uma senhora de 67 anos, aparentando ser bem mais jovem do que é, imediatamente se interessou pela entrevista.

O teatro falado em dialeto trentino começou com a companhia de teatro dialetal Anima Trentina (Compagnia di Teatro Dialettale Anima Trentina), em meados de 2010, encabeçados pela neotrentina Rosimeri Tridapalli e pelo italiano Rino Montibeller. O grupo em todas as suas apresentações teve lotação máxima, sendo sucesso de público em todos os lugares onde se apresentou. Incentivados pela Província de Trento, o Anima Trentina se apresentou na Itália em abril de 2012, com a peça *L'usel del Marechal* (O pássaro do marechal). Ao contar sobre o prestígio dos italianos após a peça, Cleide Vinotti, atriz do grupo que foi à Itália, comenta: “Eles até comentaram de algumas palavras e expressões que a gente falou e que há muito eles não ouviam”. Também houve um processo de italianização gramatical na peça, visto que o dialeto trentino existe antes mesmo de existirem os carros, aviões, telefones e, em Nova Trento, o dialeto se adaptou com a realidade da região. Já na Itália, “o carro é la machina, avião é l'aéreo, e a autora, quando assistiu à peça pela primeira vez, disse “que a gente podia substituir porque os italianos não iriam entender”, conta o ator Odirlei Boratti.

O grupo ficou dois anos parado e no final de 2014 voltou à ativa com o novo Grupo di Teatro Dialettale Cuore Trentino, que é formado por praticamente os mesmos atores, mas retomado por Aliria Maria Marchi, Diretora Artística do Cuore Trentino, e Marlene Sartori Maestri, que ano passado acabou se desvinculando temporariamente do grupo. Hoje, o grupo é formado por onze integrantes. No Brasil, é a única companhia de teatro voltada para o dialeto trentino.

A última peça, “La herança dela pora Sunta” (A herança da falecida Sunta), foi ensaiada por mais de dois anos - e não diferente - foi um sucesso de bilheterias em todas as apresentações. A peça escrita pela dramaturga italiana Loredana Cont é dividida em três atos e sua duração é de aproximadamente duas horas. Contabilizando a trajetória dos dois grupos de teatro, foram ensaiadas quatro peças, todas com cunho humorístico, mas sempre voltados

para uma moral no final das histórias. “Humor e misturado, sabe”, brinca Mario Merizio, o ator do grupo que mais subiu nos palcos - contabilizou mais de 80 apresentações em sua vida - “Un pó per ridere... un pó per pensare” (Um pouco para rir, e um pouco para pensar), citando o lema da autora da peça, Loredana Cont.

Além de Aliria Cadorin Marchi, a diretora artística, fazem parte do elenco os atores: Mario Merizio, como Giudita, Odirlei Boratti, como Berto, Cleide Vinotti, como Dosolina, Izolete Marchi, como Richetta, Odair Rubleski como Bondola, Aprigio José Botameli, como Rebuffi, Ana Lúcia Tomazoni, como Mariana, Edvan Zanella, como Dr. Paiotta, Ademar Darós, como inspetor, e Alceu Dalbosco interpreta o padre.

A peça conta a história dos afilhados da falecida Sunta, que deixou para eles sua herança. Contudo, a condição da falecida para os afilhados receberem a tão esperada herança era de que os dois convivessem juntos com harmonia e respeito durante um ano. A convivência entre os dois não sai como o esperado e a história se

desenrola a partir deste ponto de partida. O grupo já possui convites para apresentações em outras cidades de imigração trentina nas regiões do Vale do Itajaí, Sul e Oeste de Santa Catarina.

Segundo o grupo, a maioria das pessoas de Nova Trento falava o dialeto quando jovem. “Meu pai não queria que falasse em português, em casa era tudo em italiano”, conta Aliria. No colégio não se usava o dialeto, todos conversavam em português. “No Vígolo, todas as famílias eram assim, tanto que quando a gente foi pra escola eu tive dificuldade para aprender o português”, conta Cleide.

“O italiano é bom porque tem muito gesto, fala muito com a mão”, explica Aprigio Botameli, mais conhecido como Zico, sobre o entendimento do público do teatro sobre a peça. “Inclusive a Cida, minha vizinha de Pernambuco, me disse “Liria, eu assisti e entendi tudo”, Aliria destaca. Ainda assim, para melhor entendimento da plateia, algumas

palavras mais desconhecidas foram abrisleiradas, para que todas as pessoas entendessem a peça. “Não poderíamos fazer tudo em dialeto e gramatical pois seria um pandemônio, mas não perdeu a característica do dialeto, que é noventa por cento da peça”, conta Aprigio.

O Cuore Trentino conta com apoio do Circolo Trentino di Nova Trento, que disponibiliza os livros das peças e o espaço para os ensaios. Também existe apoio da Prefeitura de Nova Trento com a Secretaria de Cultura de Turismo, que disponibiliza a divulgação, o espaço para as apresentações, como também toda a estrutura de som e iluminação. O Secretário de Cultura e Turismo, Sálvio Osmar Tonini, destaca: “Eu acho que é uma retomada muito importante para o município de Nova Trento, inclusive turisticamente falando, porque a gente tem visto e tem ouvido que a coisa que as pessoas mais procuram numa cidade é a questão cultural. Então se você tem uma cultura forte, presente, a chance de visitas e dar notoriedade é muito maior. E o teatro veio preencher uma lacuna que nós tínhamos e que a partir de agora não teremos mais.”

## *O italiano é bom porque tem muito gesto, fala muito com a mão*

## Um pouco de história: a imigração e o dialeto

O Brasil é marcado pelas imigrações de diversas nacionalidades desde a sua descoberta pelos portugueses em 1500 até os dias atuais. No período após a Independência do Brasil, em 1822, quando instalou-se o Segundo Império, a Europa vivia uma grande crise econômica, onde os meios básicos de subsistência da época - agricultura e artesanato - começaram a perder espaço com o início da Revolução Industrial. Ao mesmo tempo, o Brasil começava a ser pressionado por outras nações para abolir a escravidão, o que contribuiu para o processo de imigração de várias nacionalidades europeias, entre elas, os tirolezes que faziam parte do antigo Império Austro-Húngaro. Em conversa com o Prof. Dr. Everton Altmayer, formado em Letras pela USP e com doutorado na USP sobre a imigração e dialeto trentinos, ele destaca alguns dados sobre o início da imigração dos tirolezes no Brasil: “O primeiro grupo chegou no ano de 1858 e se instalou em uma colônia alemã fundada na cidade de Juiz de Fora/MG. A primeira colônia tiroleza propriamente dita foi fundada alguns meses depois, já no ano de 1859, na então colônia (hoje cidade) de Santa Leopoldina/ES. Ambas eram compostas por tirolezes de língua alemã (em Juiz de Fora se instalou uma família de tirolezes de língua italiana). Entre 1870 e 1873, entraram no Brasil alguns imigrantes tirolezes de língua alemã. A partir de 1874 entraram muitos tirolezes de língua italiana. Em todos os casos, os imigrantes tirolezes eram de nacionalidade austríaca, pois todo o Tirol esteve unido à Áustria de 1363 até 1918.”

Ao chegar no Brasil, os imigrantes encontravam duas realidades: as colônias agrícolas, onde eles eram proprietários de lotes de terra e possuíam certa autonomia, e a outra realidade, em que eles

eram alocados nas fazendas de café e centros urbanos.

O professor de italiano Juliano Martins Mazzola definiu esta divisão como ponto crucial para a preservação da história e do dialeto trentino, sobretudo nas colônias agrícolas. Mesmo com a imigração, ao longo do tempo “os dialetos continuaram a ser praticados, mas no convívio familiar. Já nos ambientes extrafamiliares, preferia-se o uso da língua nacional, o português. Não creio que isto tenha constituído uma perda de identidade, pois nossos imigrantes, mesmo falando o português, eram sempre conhecidos como o “italiano”, o “Tirolês”, o “alemão” e assim por diante”, destaca o professor, que leciona italiano gramatical desde 1990 e é natural de Nova Trento, onde conviveu diretamente com o dialeto trentino.

Perguntado sobre a influência que a mudança de país teve nos imigrantes, o Prof. Dr. Altmayer destaca que “no novo ambiente, com novo clima, ciclos naturais, flora e fauna, os imigrantes tiveram de adaptar seus hábitos alimentares, festividades religiosas e tudo isso influenciou a cultura das gerações de descendentes, ocasionando uma “mescla” que apresenta ora características da cultura tiroleza, ora da cultura brasileira. Além disso, muitos estereótipos acabaram por trazer às comunidades ideias, muitas vezes bastante distorcidas, sobre a identidade ancestral. Isso se vê sobretudo entre os tirolezes de língua italiana que confundem o fato de serem italianos porque falam italiano (ou melhor, uma língua itálica, no caso o dialeto trentino, também chamado tirolês). A Áustria de cem anos atrás tinha 12 idiomas oficiais, entre eles o italiano.”

Foto: Lorena Polli



O grupo ficou dois anos parado e no final de 2014 voltou à ativa com o novo Grupo di Teatro Dialetole Cuore Trentino, que é formado por praticamente os mesmos atores, mas retomado pela Aliria Maria Marchi, Diretora Artística do Cuore Trentino, e Marlene Sartori Maestri, que ano passado acabou se desvinculando temporariamente do grupo.





Foto: Lorena Polli

Segundo o grupo, a maioria das pessoas de Nova Trento falava o dialeto quando jovem. “Meu pai não queria que falasse em português, em casa era tudo em italiano”, conta Aliria.

## Falta motivação para o dialeto ser usado

Na década de 1930, o governo brasileiro instituiu a campanha de nacionalização, com o aprendizado obrigatório do português e a proibição do uso dos dialetos italianos. Esta proibição contribuiu para diminuir gradualmente o número de falantes, que só podiam falar em casa e, ao longo dos anos, muitos pais escolheram não ensinar ao filhos o dialeto. Para Altmayer, nos dias atuais a causa do crescente enfraquecimento do dialeto se dá pela “falta de motivações para que seja usado. Além do ambiente familiar onde haja convívio com os mais velhos, não há espaço para a língua de imigração na escola, no trabalho e nas relações sociais formais”. O professor Juliano Mazzola acredita que “será cada vez mais difícil manter vivos os dialetos de nossos antepassados. Nem mesmo a Europa está conseguindo mantê-los.”

Para reverter a perda destes dialetos, os dois professores compartilham uma opinião parecida. Principalmente, utilizar o dialeto para promover o turismo cultural e o resgate do ponto de vista histórico, contribuindo com peças de teatro, livros e pesquisas sobre o assunto que resgatem a memória dos imigrantes. Sobre o ensino do dialeto nas escolas, os dois professores são enfáticos. Altmayer acredita que apenas no ambiente doméstico o dialeto tem seu valor afetivo e cultural, mas não consegue competir com a língua portuguesa. Ele destaca que se o dialeto fosse oficialmente reconhecido poderia acontecer um processo de revalorização no ambiente escolar. Segundo Mazzola, “pretender que se volte a ensinar os dialetos nas escolas, como disciplina regular, acho algo bastante anacrônico e que não teria eco algum na sociedade atual, globalizada e extremamente interconectada.”

### Algumas palavras em dialeto trentino

- Beghe: Brigas
- Bizogna: Precisa
- Botega: Loja, venda
- Braghet: Calcinhas
- Cos'a galo?: O que tem?
- Enfissolada: Enrugada, velha
- Escartabei: Cartazes, carta
- Escorza: Casca (do queijo)
- Estranodada: Espirrar
- Gratar: Coçar
- Petola: Chata, grudenta
- Recie: Orelha
- Rogne: Encrenca
- Sbettega: Pessoa enjoada
- Sporcatchon: Sujo
- Stofeghe: Sufoca
- Straparli: Não sabe o que fala, fala sem pensar
- Zovena: Jovem

# O AMANTE DO RECORTA E COLA

*Com as trocas constantes da maré da vida, André Luís aportou em Itajaí há 10 anos, trazendo para a cultura local a batida do rap e suas melodias trabalhadas a partir de discos de vinil*

// Texto *Bruno Golembiewski*

Nos fundos de uma casa de madeira no bairro São Judas mora mais um talento musical de Itajaí. O homem baixinho de cabelos e barba crespos pretos e tatuagens espalhadas pelo corpo veio desviando das poças d'água que se formaram no quintal. Usava moletom preto, calção esportivo branco e chinelos, e rapidamente chegou à frente para abrir o portão. “Vamo entrando”, convidou.

Era fim de maio e o outono já dava as caras com mais intensidade. Os pingos da chuva batiam nas telhas, produzindo um som rítmico, que logo seria ocultado pelo som de outras batidas, essas eletrônicas, e rimas. Também preocupados em não molhar os calçados, caminhamos em direção a uma casa, já no final do terreno.

Enquanto passava um café, eram montadas as câmeras para a gravação. O espaço, além de ser a morada do músico, é também seu local de criação e composição. São três cômodos no seu cantinho: quarto, cozinha e banheiro. Dividindo o pequeno espaço com a mesa, a geladeira e a pia, está montado o set do MC, DJ, beatmaker e produtor, onde ficam também sua preciosa coleção de vinis, equipamentos de som, pick-up de DJ, entre outros apetrechos.

Em Itajaí desde 2008, André Luís, por meio da alcunha de Sopro Inverso, desenvolve um trabalho na linha do rap. Amante de música brasileira, cria suas composições a partir de recortes de vinis, aliados a letras que narram o dia a dia. André tem mais dois outros pseudônimos: Quando DJ, é DJ Deco – Groove Aquilo e também O Coletor, quando participa mais na parte de produção e recorte de vinis.

Para a gravação, André convidou seu parceiro de rap, Paulo Microfonia, e a baterista e percussionista Ana Sthel, ambos de Campinas, sua terra natal. Não sei se contagiado ou não pela calma daquela tarde em Itajaí, Paulo tinha um semblante muito tranquilo, parecia querer passar despercebido naquele momento. Enquanto não chegava a hora da gravação, ficou acompanhando tudo de longe, como um bom observador. Enquanto isso Ana se certificava se todos estavam à vontade, convidando-nos para encher novamente as xícaras de café. Ela acompanha André como DJ tocando Octopad, um equipamento de simuladores de percussão. Com um par de baquetas, batia contra um dos pads para reproduzir o som desejado. Ana não o acompanha somente na música. Eles moram juntos e são namorados desde 2014.







Fotos: Aghata Crews

## Sopro e microfonia

A parceria dele com Paulo Microfonia pretende ir além. Os dois pretendem lançar um trabalho juntos. “Vamos assinar Sopro Inverso e Paulo Microfonia. Tá quase pronto o disco”. Em janeiro desse ano os dois, acompanhados de Jotaésse, lançaram o clipe da música “Pro Bem Estar do Meu Semblante” e apresentam uma versão caseira.

Quando contei para Deco a ideia do projeto, algumas semanas antes, ele ficou muito empolgado. Também tinha feito uma visita a sua casa em um dia sol, por acaso, em contraste à chuva que tomou conta das semanas seguintes. Os vários pseudônimos que ele tem são só para segmentar seu trabalho, dividir e não misturar as funções.

Apesar disso, de várias caras ele não tem nada. Brincalhão e tranquilo, transmite muita sinceridade nas palavras e olhar. “Senta aí, à vontade”, disse. Puxei uma cadeira e começamos a conversar. Como no movimento que faz todos os dias, foi levantada a agulha, trazida para trás e colocada na faixa desejada. Voltamos pro início dele na música.

André Luís da Silva Júnior carrega o nome do pai, mas foi por meio de uma tia que conheceu os discos e a música brasileira. Na casa da irmã de seu pai, em Campinas, o ainda moleque foi apresentado a grandes nomes da MPB como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Novos Baianos, Raul Seixas, Secos e Molhados, por exemplo. Por outro lado, no cenário de sua infância e juventude pelas ruas, e no contato com os amigos, foi apresentado a um outro mundo.

Quando lembra do início dos anos 90, André conta que começava a ferver o rap e o hip-hop que chegava dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que artistas de rap brasileiros iam surgindo e ganhando popularidade. Encantado com aquilo tudo, com 12 anos comprou seu primeiro vinil, de um grupo de rap estadunidense chamado Bone Thugs-n-Harmony, e duas fitas cassete, de grupos de rap de Campinas. O contato com a música foi acontecendo nestes dois paralelos: a MPB com a tia e o rap na rua. Ele ouvia também nessa época o rock: “Também ouvi muito hardcore, punk rock. Dessa linha de rock eu gostava mais dos toscão: dois acordes, power acorde, bem rua

mesmo, protesto, aquela coisa. O começo de ouvir música foi isso aí.”

Mal conheceu o rap, o jovem já estava escrevendo. Na escola, quando tinha de apresentar uma poesia, André trazia suas composições e as declamava para os colegas. As linhas rabiscadas nos cadernos traziam o clima do rap dos anos 90, com letras de protesto e crítica social. A primeira letra que ele considera rap mesmo surgiu no início dos anos 2000, quando entrou no primeiro grupo, chamado Milícia.

A veia criativa se mostrava forte. Além de compor as letras, os beats também já eram de autoria própria, mesmo sem equipamentos sofisticados. Uma pena que, no início, como o DJ do Milícia usava vinis nas apresentações ao vivo, não era possível colocar os beats próprios, já que não havia como gravar as instrumentais em vinil. O grupo dava sua solução. Na época, quando um vinil de um artista estrangeiro era comprado, vinham três versões de cada música: uma a capela, uma

só instrumental, e a original, com a junção das duas. O DJ soltava a versão instrumental do ‘beat gringo’ e os MC’s cantavam por cima.

Nesse primeiro grupo Deco começava a se formar MC, mas também outra de sua faceta surgia: a de DJ. Vendo o DJ do Milícia trabalhar com os vinis, Deco se apaixonou por aquilo e acabou partindo do front para a parte de trás da pick-up, fascinado pelos discos e batidas. Indo de sebo em sebo e lojas de discos antigos, o jovem DJ ia atrás de LPs de música brasileira. Enquanto escrevia as rimas, aquela influência da tia se fazia mais presente.

Em 2008, quis a correnteza da vida trazê-lo a terras desconhecidas. Com bolsa do Prouni (Programa Universidade para Todos), André veio para Itajaí cursar Licenciatura em Música na Univali. Uma nova fase de sua vida começaria, cheia de descobertas e aprendizados.

Aos poucos, André foi conhecendo a realidade da região. Quando chegou, até solidificar

seu trabalho como DJ e MC, foi garçom no Mercado Público, local em que pôde conhecer e ter uma ideia do que se passava na cidade. Conheceu Giana Cervi, Bárbara Damásio, Arnou de Melo, Daniel Montero, Evandro Hasse, William Goe, Chico Preto e muitos outros artistas de Itajaí, dos quais passou a ir a shows e comprar os CDs. Também frequentou o Festival de Música de Itajaí.

.....  
*O contato  
com a  
música  
ocorreu entre  
o MPB com  
a tia e o rap  
na rua*  
.....



## Acolhida e parcerias

Quando se deu conta, os músicos que conhecia no Mercado eram seus colegas de sala de aula. “Fui muito bem acolhido”, lembrou. Os colegas, de todas as idades e estilos musicais, buscavam conhecimento acadêmico, graduações, mestrados e doutorados, e mesmo assim, não havia soberba musical. “Foi legal o pessoal me acolher, de ver que eu não tinha teoria, não entendia disso aí, mas nego respeitou, viu que: pô, o cara faz scratch, é rítmico com aquilo ali, faz uns efeitos. Começaram a entender meu instrumento, entender a proposta daquilo”.

Nesse convívio acadêmico pôde conhecer outros repertórios e aprofundar as pesquisas na música. Nunca foi um grande fã de Bossa Nova, mas depois aprendeu a respeitar e a entender a importância e complexidade. “Ainda prefiro uma coisa mais experimental, como a Tropicália”, confessou. Outro gênero que não tinha muito contato foi o Jazz, que tem ouvido mais nos últimos tempos. “Tô aprendendo a gostar mais, absorver. É entender a música pra você gostar. Você não gosta de coisa que você não conhece, né. Então Itajaí, musicalmente, foi onde eu pude me expressar e me descobrir”.

Apesar da boa recepção e dos vários músicos, no início, a cena da cidade ainda não compreendia o seu trabalho. Para entender melhor, André recorta trechos de músicas em vinis e faz colagens da maneira que achar melhor, misturando-as às batidas e outros elementos que faz na hora, como a mixagem e o scratch, aquela mexida com as mãos no disco, por exemplo.

Aos poucos, o público e os próprios músicos começaram a entender seu trabalho. Foi aí que surgiram parcerias interessantes, como com a cantora Giana Cervi, da qual participou da gravação de um DVD. Esteve envolvido em trabalhos de outros artistas da região como a banda Tribuzana, Chico Preto e a Dita Cuja e Sergio Lamarca. Enquanto vai contando as histórias, André mexe muito as mãos, usando gestos característicos de MCs. Quando quer dar ênfase a uma frase, estica o braço e o movimento para baixo, no sentido de confirmação da ideia.

Ele desenvolveu seus conhecimentos de música e ainda aproveitou a oportunidade de criar um nicho na região, já que tinha pouca gente que fazia o que faz. Em Campinas, havia um mercado consolidado, com muitos ‘dinossauros’, difícil de conseguir espaço. Já em Santa Catarina, na época em que chegou, havia poucos DJs de música brasileira, que fizessem as colagens de discos de vinil que caracterizam o seu trabalho.

Essa particularidade é muito presente no seu trabalho como Sopro Inverso também, já que mistura trechos de músicas, principalmente brasileiras, com as rimas e batidas do rap. As letras têm como base o rap clássico dos anos 90, com uma carga de protesto, crítica social e problemas da vida cotidiana. Também são presença constante sacadas interessantes, com jogos de palavras e frases poéticas. André acaba por ser um montador de quebra-cabeças no qual peças de vários formatos encaixam nos espaços, onde insere as rimas para formar a

obra final.

Para a entrevista em vídeo, André sentou-se num Cajon no espaço que há dentro deste pequeno corredor, formado pelos móveis em que estão os equipamentos e uma coleção de vinis. Eram caixas e mais caixas que, segundo ele, não representam tudo o que possui. “Falta buscar alguns em Campinas”, lamentou. São mais várias caixas cheias de LPs, além de uma estante cheia de livros que também quer trazer.

Já na reta final do curso de Música, André aprovou, junto à Lei Municipal de Incentivo à Cultura, o edital para a prensagem em vinil do que viria a ser o primeiro disco, o EP(!)sódio Primeiro, no qual juntou composições que tinha desde 2005 até 2012. Após uma seleção, chegou às 12 músicas que compõem o disco. Não foi pensado um conceito para um álbum, mas é um grande registro de sua carreira. “Tem até umas que eu não gosto mais”, disse, seguido de uma risada.

O disco pesa 180 gramas e é todo branco. A prensagem foi feita na República Tcheca, paga com o recurso da Lei, o que possibilitou a André investir na divulgação de seu trabalho. Comprou papelão e fitas durex, e com carinho empacotou diversos exemplares do disco. Pela internet procurou os endereços e mandou literalmente para a casa de vários DJs e MCs espalhados pelo país. “Apareci bastante na cena, ganhei respeito. Faz cinco anos que eu lancei o disco, mas até hoje tá fazendo um barulhinho entre quem faz rap”.

Esse importante registro da sua música também casou com o nascimento de seu filho, João Crespo, que aparece recebendo o primeiro banho em casa, dado por seu pai, na capa do disco. Para o lançamento do EP(!)sódio Primeiro, André queria vinculá-lo a um selo. Foi aí que surgiu a Imaginaria Beats, selo/coletivo criado junto de Paulo Microfonia e S4NN, outro amigo, designer, de Campinas, que hoje já não está mais vinculado ao selo.

A Imaginaria Beats se propõe a reunir trabalhos de diversos músicos. No site da “empresa imaginária” é possível ver um casting de vários artistas, todos na linha do rap. Amante dos vinis e outras mídias clássicas, André e o coletivo resolveram investir em plataformas diferentes. Além do seu primeiro trabalho em vinil, André lançou um LP quadrado com Paulo Microfonia, do qual faz parte a primeira música que apresentou, um Print Disk (LP em que é impresso já a capa no próprio disco), além de outro modelo antigo, as fitas cassete.

Eles se propõem a disponibilizar tudo de graça no site para ser ouvido e trabalhar com essas mídias como principal diferencial.

André considera seu rap mais na linha de quando começou a ouvir. “As temáticas, o instrumental, a postura na sociedade mudou muito”. Antes os temas eram mais de protesto, contra racismo, repressão policial. Hoje ele percebe muitos raps de ostentação, falando sobre bens materiais. Ele gosta de soar sujo, com os ruídos bem presentes, como marca registrada. Nada de usar muitos instrumentos feitos por software, procedimento comum na engenharia do rap. O negócio dele é visitar os muitos discos de sua coleção, ouvir tudo, cortar aqui e ali, e montar a harmonia de outra forma. “Mas não adianta ter só a levada foda”. A letra e a maneira de cantar também são importantes, pois como tem um timbre grave, não poderia cantar muito rápido senão

André visita a coleção de vinil, corta aqui e ali, e monta sua harmonia





ficaria difícil a compreensão.

Sua música tem essas características, mas na Imaginaria Beats há vários estilos de rap. Por exemplo, Jotásse, MC amigo de André, tem uma sonoridade mais pop dentro do rap e as letras também são mais poéticas. Já o trabalho do próprio Paulo Microfonia, carrega mais da “sujeira” de Deco, mas até por sua voz e proposta musical, fica mais comercial.

Enquanto falava sobre a Imaginaria Beats, percebi em seu rosto uma tatuagem curiosa. Além dos braços fechados por várias delas, André quis carregar no rosto o símbolo da Imaginaria. Ao lado do seu olho direito, e indo para trás até o início do cabelo, está o contorno do fantasma que representa a Imaginaria. Essa presença na pele diz muito sobre a relação dele com o coletivo, algo feito não apenas para ganhar dinheiro.

André possui mais uma alcunha, a de O Coletor. Com esse pseudônimo remixou uma de suas músicas do EP(!)Sódio Primeiro e lançou um CD com Raul Misturada, compositor pernambucano, em que 95% de sua sonoridade foi extraída de samples de discos de vinil.

Foi em vinil também que lançou um LP de cinco polegadas. É um Compact Disk em parceria com Paulo Microfonia, feito em 2015. De um lado, uma música dele e do outro, uma sua, chamada A jangada, o Homem, o Sopro, o Céu e o Mar - ou: Afunda ou 'Avoa', que conta com uma “participação especial” de Nara Leão e Dorival Caymmi.

Nesse meio tempo, André acabou ficando um ano em São Paulo, do final de 2014 ao fim de 2016, quando voltou para Itajaí. A relação de André com a cidade é de muito carinho. Além de seu filho ser “peixeiro”, ele é grato a tudo que a cidade pôde lhe proporcionar musical-

mente. Apesar disso, é um crítico ferrenho de como as coisas foram conduzidas nos últimos anos em relação à música na cidade. Sem “rabo preso” com ninguém, como fez questão de dizer, lamenta a piora no nível do Festival de Música de Itajaí desde 2008. Mesmo assim, ao comparar com sua terra natal, Campinas, ele sente que existe certa “magia” no cenário musical da região, com muitos talentos. Quando chegou, ficou encantado com as rodas de choro e jazz no Mercado Público, algo que não estava habituado. Lembrou do Arnou, do Ricardo Pauletti, da Giana, que tem trabalhos autorais significativos. Com tristeza no olhar, pensa que essa questão da música autoral deveria ser muito mais forte e reconhecida. “Eu acho que a galera podia fazer mais de coisa autoral sabe, muito mais. Investir mais nisso. Tem muita gente boa aqui. E é uma coisa também que eu fico pensando: porque que Santa Catarina não tem um artista que bombou nacionalmente na cena musical?”

André está de trabalho novo. Passou em um concurso para trabalhar como educador musical em uma escola de Itajaí e, feliz com a nova experiência, segue tocando seu trabalho musical como DJ e MC, cheio de novidades a caminho. No dia conversamos também sobre seu filho, João Crespo, de cinco anos, que tinha de buscar na escola depois da entrevista. Aos poucos, de forma natural, o menino tem se interessado pelo mundo do pai. De vez em quando é possível ver nas redes de André, fotos do filho com um microfone ou skate. Em um domingo qualquer, se estiver de passagem pela Beira-Rio, em Itajaí, pode acabar encontrando este homem baixinho, magro, com roupas largas, de olho em um pequeno menino parecido com ele, perto da pista de skate, onde organiza o SangBeats Dominical, um evento de rap e skate.



## Cardume

O perfil do artista André Luís foi originalmente publicado no projeto Cardume - Música Autoral de Itajaí, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso do jornalista Bruno Golembiewski.

Confira o perfil de outros artistas da cidade no site: [www.cardumemusica.com](http://www.cardumemusica.com)





# Ótica Liberty

Sua imagem perfeita



Avenida Marcos Konder, 1313 - Térreo  
Ed. Liberty - Itajaí  
47 3348-2382

 @oticaliberty  
 /libertyotica